

Banqueiros receiam que atraso no acordo afete linhas de curto prazo

por Peter Montagnon
do Financial Times

Mais da metade dos 770 bancos credores do Brasil ainda não concordou em apoiar o mais recente "pacote" de refinanciamento da dívida do País, no valor de US\$ 31 bilhões, mais de dois meses depois que os detalhes foram elaborados em conjunto com uma comissão dos principais credores em Nova York.

Fontes bancárias do alto escalão reconheceram durante o último final de semana, que a resposta ao acordo tem sido fraca. A menos que o ímpeto seja restaurado em breve, essas fontes receiam que o Brasil poderá começar a perder créditos comerciais e do mercado interbancário de curto prazo, vitais para o País.

A lenta reação ao "pacote"

de reescalonamento contrasta com as declarações governamentais otimistas sobre a economia brasileira e as perspectivas comerciais depois da introdução de medidas radicais de reforma no começo de março.

A resistência às propostas de reescalonamento da dívida tem pouco a ver com as preocupações sobre a economia do Brasil ou com o fato de que o governo do presidente José Sarney decidiu não adotar programa de estabilização econômica do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em vez disso, segundo os banqueiros, a situação reflete o contínuo ressentimento entre os credores internacionais com a falta de apoio do governo a três bancos privados que faliram no ano passado, com dívidas de cerca de US\$ 450

milhões a credores estrangeiros.

Os credores desses bancos — Comind, Auxiliar e Maisonnave — sustentam que foram incentivados pelas autoridades brasileiras a conceder os empréstimos aos bancos. Embora não fossem avalizados pelo governo, os empréstimos foram promovidos pelas autoridades que agora têm, pelo menos, a responsabilidade moral de certificar que as dívidas sejam pagas.

A PROPOSTA BRASILEIRA

Sob o programa mais recente proposto pelos acionistas, o máximo que os credores estrangeiros podem esperar recuperar é 62% de seus empréstimos iniciais.

Uma comissão especial de credores, compreendendo os bancos Arab Banking

Corporation, Bankers Trust e Midland Bank, foi criada para negociar as dívidas do Comind, o maior dos três bancos falidos, mas os banqueiros acreditam que, mesmo se a comissão conseguir obter um acordo melhor, será necessário muito esforço de persuasão para que os credores em geral apoiem o reescalonamento dos US\$ 31 bilhões de dívida.

Grande parte dos créditos estrangeiros ao Brasil passou pelo sistema bancário sob a Resolução nº 63 do governo que prevê a captação de recursos dessa forma por empresas do País. A falta de solução relativa aos três bancos falidos, portanto, provocou dúvidas sobre empréstimos a outros bancos em um momento em que o sistema financeiro do Brasil está pressionado em geral.